

O LOCAL E O ESTRANGEIRO NA COMPARAÇÃO NARRATIVA DE *HEART OF DARKNESS* E *THE RIVER BETWEEN*

Profa. Dra. Verônica Lucy Coutinho Lage*

Resumo:

A escolha das narrativas Heart of Darkness, de Joseph Conrad, e The River between, de Ngûgî wa Thiong’o visa levantar questões e percursos no processo de formação de identidade dos escritores que não só influenciam, mas também deixam marcas em suas escritas. Fatores políticos, sociais, religiosos e econômicos são pistas em suas narrativas para que possamos rastrear os caminhos tomados pelos autores para registrar os impactos sofridos, tanto pelos colonizados quanto pelos colonizadores. O trabalho parte da leitura de teorias pós-modernas, principalmente o texto de Stuart Hall (2004), juntamente com leituras do pós-colonialismo, a fim de mostrar as diferenças e influências desses contatos e suas conseqüências.

Palavras-chave: identidade, culturas, imperialismo, tradição, hibridismo

A escolha dos dois romances em questão, dentro do contexto do pós-colonialismo, é resultado de uma das minhas tentativas em entender melhor toda essa discussão tão contundente sobre o quê de tão inovador literaturas consideradas, para alguns críticos, “menores” trazem em si, capazes de se tornarem temas dos mais diversos tipos de encontros, simpósios, congressos, e tantos outros. Comecei minha leitura por críticos como Edward Said, Stuart Hall, Édouard Glissant, e mais tarde por considerações teóricas de Gilroy, Bhabha. Pude constatar os esforços empreendidos por esses críticos no sentido de que haja uma retomada de temas como colonização, discurso do dominador, a chegada da civilização dos brancos em continentes não-europeus, a interferência branca no contexto sócio-político econômico desses mesmos territórios. O grande diferencial, entretanto, está no fato de que agora essa retomada coloca-se sob a ótica dos escritores das regiões coloniais ou periféricas que tomam para si a “tarefa crítica e revisionista de enfrentar a cultura metropolitana, utilizando as técnicas, discursos e armas do saber e da crítica antes reservados só aos europeus” (Said, 1995, pp. 334-5). A partir dessa nova proposta, comecei a ler alguns desses escritores como Ngûgî wa Thiong’O, Paula Marshall, entre outros. Meu enfoque aqui será a análise de uma comparação entre *Heart of Darkness* e *The River between* por terem ambas primeiramente me despertado para a questão das identidades culturais—aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, lingüísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais (STUART, 1999, p. 8), e que, até agora em minhas leituras e estudos, tem se apresentado como pilar para a maioria dos questionamentos advindos dos escritores que, por razões de convicções próprias, irei chamar de **escritores de origem** — no nosso caso específico, Ngûgî wa Thiong’O. A não-inclusão de Joseph Conrad como **escritor de origem**, deve-se ao fato

de sabermos ser ele filho de poloneses, nascido na Ucrânia, erradicado na Inglaterra, porém sempre tomado como possuidor de “resquílios extraordinariamente persistentes de consciência quanto à sua própria marginalidade de exilado” (SAID, 1999, p.57) e um entusiasta e defensor das idéias obscuras de liberalismo ligadas ao processo de colonização/imperialismo, e por isso mesmo, tendo-lhe rendido um emprego como funcionário do sistema imperial.

Meu primeiro impacto e questionamento surgiu assim que terminei a leitura de *The River Between*, e a comparei com a de *Heart of Darkness*, esta lida a algum tempo atrás. Embora ambos os romances tragam à tona o tema do processo de colonização/imperialismo na África, evidenciando formações ideológicas

Profª Drª da UFJF

que defendem que certos territórios e povos precisam e até imploram pela dominação, bem como formas de conhecimento filiadas à dominação: o vocabulário da cultura imperial oitocen

tista clássica está repleto de palavras e conceitos como “raças servis” ou “inferiores”, “povos subordinados”, “dependência”, “expansão” e “autoridade” (SAID, 1999, p.40)

naturalmente sob a perspectiva de dominação ocidental e, em contrapartida, toda a resistência gerada por esse tipo de dominação, percebi no olhar crítico de Thiong’O, horizontes bem mais diversos e muito mais próximos de uma real constatação não só do impacto dessa dominação, como também das diferentes formas de reação por parte dos nativos da região. Anteriormente a esse aspecto, que será nesse estudo privilegiado, chama-nos à atenção o prisma pelo qual os romancistas iniciam suas narrativas: Thiong’O, através de seu narrador-protagonista, destaca a beleza de sua terra, um vale entre dois espinhaços, chamado de vale da vida, principalmente por serem cortados pelo rio chamado de *Honia*, imbuído de uma enorme simbologia e tradição para seu povo:

The river was called Honia, which meant cure, or bring-to-life-. Honia river never dried: it seemed to possess a strong will to live, scorning droughts and weather changes. And it went on in the same way, never hurrying, never hesitating. People saw this and were happy.

Honia was the soul of Kameno and Makuyu. It joined them. And men, cattle, wild beasts and trees, were all united by this life-stream. (THIONG’O, 1965, p.1)¹

Observa-se assim o olhar diferenciado, o olhar do conhecedor de sua terra e suas peculiaridades geográficas e todas as manifestações de valores e tradições para seu povo.

Conrad, por outro lado, traz, através de um narrador-protagonista, o olhar do escrutinador, do observador europeu, daquele que mesmo sendo um expatriado, coloca-

¹ O rio se chamava *Honia*, que significa cura, ou trazer-de-volta-à-vida. O *Honia* nunca secava: parecia possuir uma vontade muito forte de viver, desprezando as secas e mudanças de tempo. E fluía sempre na mesma maneira, nunca se apressando, nunca se hesitando. As pessoas viam isto e ficavam felizes. O *Honia* era a alma de Kameno e Makuyu. Ele os unia. E os homens, o gado, as feras e árvores, eram todos unidos por essa corrente de vida. (T.A)

se como o olhar da autoridade, do explorador econômico, do controlador das riquezas territoriais e responsável pelo progresso e desenvolvimento político-social de terras tidas como de ninguém. Segundo Said, embora o lucro e a perspectiva de mais lucro sempre foram a razão primordial para a expansão dos grandes impérios ocidentais,

Para o imperialismo e o colonialismo, não é só isso. Havia um comprometimento por causa do lucro, e que ia além dele, um comprometimento na circulação e recirculação constantes, o qual, por um lado, permitia que pessoas decentes aceitassem a idéia de que territórios distantes e respectivos povos *deviam* ser subjugados e, por outro, revigorava as energias metropolitanas, de maneira que essas pessoas decentes pudessem pensar no *imperium* como um dever planejado, quase metafísico de governar povos subordinados, inferiores ou menos avançados.(SAID, 1999, p.41)

Corroborando com essa visão ocidental imperialista, Conrad inicia sua narrativa exatamente engrandecendo o navio que iria levar uma expedição composta de um advogado, o contador, o diretor da Companhia de Comércio de marfim e anfitrião do grupo, e o marinheiro e o narrador Marlow para uma região considerada o coração da África. Uma atmosfera típica de viagem à negócios, assim descrita:

The Nellie, a cruising yawl, swung to her anchor without a flutter of the sails, and was at rest The flood had made, the wind was nearly calm, and being bound down the river, the only thing for wait was to com and wait for the turn of the tide. ..

The Director of Companies was our captain and our host. We four affectionately watched his back as he stood in the bows looking to seaward. On the whole river there was nothing that looked half so nautical. He resembled a pilot, which to a seamen is trustworthiness personified.²

Homens de negócios, viagens a negócio, funções e ocupações distintas, e expectativas guardadas em cada um diante de uma região controlada pelos exploradores e supostos donos de um território conquistado sob a égide do imperialismo inglês.

Retomando meu propósito, retorno ao narrador de *The River Between*, exatamente no ponto da estória quando ele se recorda, pela primeira vez, dos momentos quando ouviu falar da invasão dos brancos e da forma como ela havia acontecido. Anunciada como um mal-presságio pelo visionário da comunidade, através de uma linguagem fantástico-maravilhosa, porém, não acatada pela maioria, por acreditarem estar o guru agindo como um impostor. Decepcionado com a atitude do seu povo, ele decide ir embora para outras regiões do mesmo país, no entanto, em todas essas, a mensagem ouvida era sempre a mesma: a vinda dos brancos com todas as suas mazelas: “*He was soon heard of in the land beyond; in Nyeri, Kiambu, Muranga; in fact all over the Gikuyu country. And he still spoke aloud his message and cried: “There shall come a people with white clothes like butterflies.” These were the white men*”³ (THIONG’O, 1965, p.2). O

² O *Nellie*, uma embarcação tipo cruzeiro, inclinou-se para sua âncora sem agitar as velas, e estava à espera. O dilúvio já havia cessado, o vento estava quase normal, e estando preparado para decer o rio, a única coisa para fazer era vir e esperar pela virada da maré. O Diretor das Companhias de Comércio de Marfim era nosso capitão e nosso anfitrião. Nós quatro lhe observávamos pelas costas, enquanto ele permanecia na proa do navio, olhando em direção ao mar. Pelo rio afora não havia nada mais que aparentasse tão marítimo. Ele se parecia com um piloto, que para um marinheiro é a confiança personificada.

³ Muito breve, ele foi ouvido em outras regiões; em Nyeri, Kimbu, Muranga; na verdade em todo o país Gikuyu. E ainda ele bradava sua mensagem e falava em bom e alto som: “Haverá a chegada de um povo com roupas de borboletas” Eles eram os brancos.

narrador continua a dar exemplos de membros da tribo que seriam uma mistura de magia, sabedoria, feitiçaria e dons sobrenaturais, como uma forma de estabelecer a identidade de um povo, de estabelecer aquilo que Hall afirma ser a necessidade de alguns povos para localizar sua origem e construir sua narrativa da cultura: o mito fundacional, ou seja:

Uma história que localiza a origem da nação, do povo e de seu caráter nacional num passado tão distante que eles se perdem nas brumas do tempo, não do tempo “real, mas de um tempo “mítico”. Tradições inventadas tornam as confusões e os desastres da história inteligíveis, transformando a desordem em “comunidade” desastres em triunfos. Mitos de origem também ajudam povos desprivilegiados a “conceberem e expressarem seu ressentimento e sua satisfação em termos inteligíveis”. Eles fornecem uma narrativa através da qual uma história alternativa ou uma contra-narrativa, que precede às rupturas da colonização, pode ser construída.(HALL, 1999,p.55)

Nessa perspectiva trazida por Thiong’o, o narrador vai tecendo a história de Waiyaki, a partir de suas próprias experiências, desde a infância até a idade adulta. Tendo em seu pai o tutor tanto para conduzir seu povo, como também o responsável de todo o ensinamento necessário para um membro se tornar líder desse mesmo povo, Waiyaki, mesmo não tendo conhecimento dessa missão que lhe fora atribuída, vai contando episódios os mais diversos de sua vida. Há um dado interessante ligado a Waiyaki quando ainda bem pequeno: ele adorava andar e ir até bem longe através desse vale. Ele o conhecia muito bem, o que poderia ser interpretado como um prenúncio para o que estava por vir em sua vida. Quando seu pai descobre que Waiyaki havia estado no vale, perto do templo sagrado, resolve conversar com ele, e explicá-lo sobre seu papel dentro de sua comunidade.

“Now, listen my son. Listen carefully, for this is the ancient prophecy.....I could not do more. When the white man came and fixed himself in Siriana, I warned all the people. But they laughed at me. Maybe I was hasty. Perhaps I was not the one. Mugo often said you could not cut the butterflies with a panga. You could not spear them until you learnt and knew their ways and movement. Then you could trap, you could fight back. Before he died, he whispered to his son the prophecy, the ancient prophecy: “Salvation shall come from the hills. From the blood that flows in me ,I say from the same tree, a son shall rise. And his duty shall be to lead and save the people!”...Remember that you are the last in this line.”

Arise. Heed the prophecy. Go to the Mission place .Learn all the wisdom and all the secrets of the white man. But do not follow his vices. Be true to your people and the ancient rites”⁴

A consciência da força imperiosa do homem branco e a necessidade de que esse filho esteja extremamente preparado para lutar contra ela é narrada de forma implacável, a fim de que a realidade da gravidade dessa força destrutiva seja sentida. E a estratégia para resistir a essa força é aprender toda a sabedoria e todos os segredos

⁴ “Agora, escute meu filho. Escute com muita atenção, porque se trata de uma antiga profecia....Eu não consigo fazer mais nada. Quando o homem branco chegou e se fixou em Siriana, eu avisei a todo mundo. Mas eles riram-se de mim. Talvez estivesse muito afoito. Talvez não fosse o visionário. Frequentemente, Mugo dizia que você não pode cortar uma borboleta com uma panga. Você não poderia mandar-lhe uma lança até que você aprendesse e soubesse seus modos e movimentos.Aí sim, você poderia montar uma armadilha, você poderia lutar de igual para igual. Antes dele morrer, ele sussurrou para seu filho a profecia, a antiga profecia: “ A Salvação virá dos morros. Do sangue que corre dentro de mim, quero dizer, da mesma árvore, um filho surgirá. E sua tarefa será a de conduzir e salvar o povo!...Lembre-se de que você é o último nessa linhagem. Erga-se. Esteja sempre atento à profecia. Vá para o lugar da Missão. Aprenda toda a sabedoria e todos os segredos do homem branco. Mas não siga seus vícios. Seja verdadeiro para com seu povo e aos ritos antigos.

advindos com a chegada dos brancos, acatados como vícios, dominá-los e **essencialmente não seguiu-os**, visto que eles realmente significariam aniquilamento, e no caso específico da comunidade de Gikuyu, extermínio do povo e suas tradições e cultura.

A leitura mais pormenorizada revela as preocupações que Thiong’O teve em demonstrar alguns elementos formadores de uma nação e, conseqüentemente, da identidade e cultura de um povo, reforçando ainda mais a razão de se lutar contra o discurso unilateral e imperialista do homem branco. O “mito fundacional”, já apontado anteriormente, seria um deles, e um outro seria “a narrativa da nação”, visto que, segundo o mesmo crítico Hall, ela seria aquela

tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular. Essas fornecem uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou *representam* as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação. Como membros de tal “comunidade imaginada”, nos vemos, no olho de nossa mente, como compartilhando dessa narrativa. Ela dá significado e importância à nossa monótona existência, conectando nossas vidas cotidianas com um destino nacional que pré-existe a nós e continua existindo após nossa morte. (Hall, 1999, p.52)

Assim sendo, a tessitura da narrativa em *The River Between* prima sobremaneira pela vigília constante em revelar, de forma transparente e real, as diversas manifestações e reações do povo de Gikuyu diante da situação de domínio imperial. É também desta forma que o leitor depara-se com múltiplas vozes: as dos homens que são radicalmente contra qualquer tipo de intervenção em seus territórios; as daqueles que aceitam a dominação por acreditarem ser ela verdadeira e possível de preencher seus anseios e expectativas de vida; as daqueles que procuram uma conciliação de ambas as partes, dominados e dominantes, formando uma comunidade híbrida, a favor de uma “mudança-por-fusão, da mudança-por-união” (RUSHDIE, apud HALL, 1999, p.92), e, até mesmo, as daquelas representantes da nova geração de **de origem** e a dos escritores das civilizações ocidentais mulheres que querem ter o direito de decisão, diferentemente, das gerações anteriores sob a dominação masculina. Embora todas essas vozes sejam de extrema importância para a distinção da escrita entre **escritores de origem**, enfatizarei somente as três primeiras por encerrarem as principais reações perante a chegada da civilização ocidental imperialista e o desrespeito a algumas crenças e tradições locais, como a questão da circuncisão- para os nativos da região, símbolo de renascimento, de uma nova vida; para os colonizadores, pecado mortal. Então assim considerada como, impureza, e uma violação às leis do Cristianismo, temos no personagem Joshua, morador local, a exemplificação da total conversão daqueles que foram convencidos de que o imperialismo inglês, juntamente com os princípios religiosos cristãos, seria a resposta para civilização tão atrasada a que pertenciam. Torna-se um missionário e acirrado pregador dos princípios de uma ideologia falsamente libertadora e progressista em Siriana, um dos vários centros missionários construídos pelo governo inglês e sob a coordenação do Sr. Livingstone. Este, de tempos em tempos, enviava novos discípulos, ou ele mesmo fazia visitas nas regiões das montanhas, em virtude dos nativos da montanha não terem aderido às novas propostas missionárias, atestado no seguinte trecho,

As yet, it was true, no town was near. Nairobi was far, a town not known to the hills. Siriana was still the nearest missionary centre: a big place with hospitals and a flourishing school taking boys and girls from all over the country. But the missionaries had not as yet penetrated into the hills, though they sent a number of disciples to work there. The people remained conservative, loyal to the ways of the land. Livingstone

occasionally paid a visit to the hills, giving new life and energy to his various followers. His main work, however, was being carried on by Joshua. (THIONG'O, 1965, p.28)⁵

Assim é que o narrador-protagonista, ao detalhar a estratégia usada pelos exploradores ingleses, também narra a outra reação, a da rejeição, a da força de resistência que a grande parcela desse povo apresentara diante de um processo de desenvolvimento centrado nos interesses dos dominadores, sob uma ideologia ocidental capitalista, e com o discurso do colonizador. Os adeptos da nova ideologia, transformados em quase escravos pelos colonizadores, são observados pelos conservadores que, inconformados com tal situação, reagem,

As his father had once told him, the arm of the white man was long. The conquest of the hills was well under way. Some people were already working on the alienated lands to get money for paying taxes. (THIONG'O, 1965, p.62)⁶

A metáfora usada por Thiong'ó ao se referir aos brancos como possuidores de longos braços está intrinsecamente associada à extensão territorial, indubitavelmente expressiva, a qual os brancos intencionariam chegar. Outro aspecto passível de inferência seria a forma **escravagista-capitalista** imposta àqueles que aderissem aos planos propostos, já que, além de trabalhar a terra e na terra, teriam que pagar impostos como trabalhadores dos exploradores ingleses.

Nesse exato ponto da narrativa, um olhar mais crítico do leitor poderá enxergar o reforço dado à importância do narrar a vida e os fatos de um povo como um *modus operandi* para a conscientização da essência do papel que um líder encerra. O teor dessa importância estaria ligado àquilo que já destaquei como **narrativa da nação**. E sob toda essa complexidade na qual se insere a figura do líder, é Waiyaki sua representação na narrativa. Após enfrentadas as mais profundas experiências, inclusive o dilema da circuncisão versus estudos e influências sofridas enquanto estivera na Missão, Waiyaki se torna professor da melhor escola do local, Marioshoni, depois de uma disputa contra o então professor Kabonyi, diante de uma assembléia pública com todos os representantes da comunidade: pais, alunos, e membros mais velhos, inclusive Kami, o líder da parcela conservadora. Todos eles se faziam representar porque a situação para a comunidade apresentava-se cada vez mais ameaçadora, mais nas mãos dos exploradores ingleses. Waiyaki faz um discurso emocionante, convence a todos sobre seus planos inovadores e instigantes de expansão educacional, não só com construção de mais escolas dentro da região, mas principalmente para o desenvolvimento intelectual. Porém, mais tarde, ele é pressionado a fazer um juramento de proteger as tradições de sua tribo, atestado quando lemos,

He was a match for the white men, these men who had wanted to annihilate Gikuyu and Mumbi. The tribe would now conquer, triumphing over the missionaries, the traders, the Government and all those who had come to imitate the strangers. ...The idea of education had now come to him like a demon, urging him to go on, do more. Even when later he was forced by the Kiama in their extravagant enthusiasm to take an oath

⁵ Ainda por cima, era verdade, não havia nenhuma cidade por perto. Nairobi era longe, uma cidade desconhecida para os moradores da montanha. Siriana ainda era o centro missionário mais próximo; um lugar enorme com hospitais; e uma escola florida contendo meninos e meninas de todas as partes do mundo. Mas os missionários, ainda assim, não haviam penetrado nas montanhas, embora eles enviassem um número de discípulos para trabalhar lá. O povo permanecia conservador, leal aos hábitos da terra. O Sr. Livingstone, de vez em quando, fazia uma visita nas montanhas, dando nova vida e energia aos seus seguidores. Seu trabalho principal, no entanto, estava sendo desenvolvido por Joshua.

⁶ Conforme seu pai uma vez havia lhe dito, o braço do homem branco era comprido. Algumas pessoas já estavam trabalhando em terras cedidas para ganhar dinheiro para pagar impostos.

of allegiance to the Purity and Togetherness of the tribe, he did not stop to analyse if any danger lurked in such a commitment.(THIONG'O, 1965, p.98)⁷

Envolvido e entusiasmado com seu novo projeto, Waiyaki prossegue com sua missão de líder, porém, tentando sempre que possível, estabelecer um discurso conciliador. Na realidade, esse tom conciliador já fazia parte de suas intenções, mas não sentia uma atmosfera favorável para tal nos momentos de tensão anteriores. Contudo, sentia essa necessidade em virtude de, após alguma experiência obtida na Missão, sentado no local sagrado de meditação, chegara à conclusão de que, na realidade,

[...] for Waiyaki knew that not all ways of the white man were bad. Even his religion was not essentially bad. Some good, some truth shone through it. But the religion, the faith, needed washing, cleaning away all the dirt, leaving only the eternal. And that eternal that was the truth had to be reconciled to the traditions of the people. A people's traditions could not be swept away overnight. That way lay disintegration.(THIONG'O, 1965, p.141)⁸

Waiyaki fica pensando sobre os questionamentos de valores e tradições, e, se ele mesmo não teria problemas de se identificar, de se sentir um pouco como um híbrido. Nesse sentido, híbrido aqui poderia estar diretamente ligado ao conceito de hibridização defendido por Bhabha:

A hibridização não é algo que apenas existe por aí, não é algo a ser encontrado num objeto ou em alguma identidade mítica “híbrida”—trata-se de um modo de conhecimento, um processo para entender ou perceber o movimento de trânsito ou de transição ambíguo e tenso que necessariamente acompanha qualquer tipo de transformação social sem a promessa de clausura celebratória, sem a transcendência das condições complexas e conflitantes que acompanham o ato de tradução cultural.(Bhabha, 1994, p.)

Isso significa dizer que os diferentes processos e experiências pelos quais Waiyaki teria passado, ampliaram seus horizontes e necessariamente trouxeram questionamentos mais profundos sobre a natureza humana. Lutara para se tornar o líder de seu povo, de mostrar o potencial de seu povo (quando corrobora com Kanobi, seu maior rival, que sua tribo teria muito a ensinar também—“*Or do you think the education of our tribe, the education and wisdom which you all received, is in any way below that of the white man?*”) ⁹. Esse momento revela o aprendizado de Waiyaki em relação ao poder da linguagem, e como saber utilizá-la poderia levar seu povo a uma postura de valores, até mesmo de vida, diferenciada. Essa diferenciação poderia ser melhor entendida se nos apoiarmos em Gnerre, quando afirma que:

A linguagem não é usada somente para veicular informações, isto é, a função referencial de- notativa da linguagem não é senão uma entre outras; entre estas ocupa uma posição central a função de comunicar ao ouvinte a posição que o falante ocupa de fato ou acha que ocupa na sociedade em que vive. As pessoas falam para serem “ouvidas”, às vezes

⁷ Ele era um desafio para os homens brancos, estes homens que tinham querido aniquilar Gikuyu e Mumbi. A tribo iria agora conquistar, triunfando sobre os missionários, os negociantes, o governo e todos aqueles que haviam vindo para imitar os estranhos....A idéia de educação tinha agora entrado nele como um demônio, urgindo-o a continuar, a fazer mais e mais. Mesmo quando, mais tarde, fora forçado pelos Kiamas, com entusiasmo exacerbado, a prestar juramento de lealdade à Pureza e à união da tribo, ele não havia parado para analisar se havia algum perigo por trás desse compromisso feito.

⁸ [...] sabia que nem todas as maneiras do homem branco eram ruins. Mesmo sua religião não era essencialmente ruim. Alguma coisa boa, alguma verdade era mostrada através dela. Mas a religião, a fé, precisa ser clareada, limpa de toda a sujeira, deixando somente o eterno. E esse eterno que era a verdade tinha que ser reconciliado com as tradições do seu povo. As tradições de um povo não poderiam ser banidas da noite para o dia. Se devastadas, restaria a desintegração.

⁹ ‘Ou vocês acham que a educação da nossa tribo, a educação e sabedoria que todos vocês receberam, está em nível inferior ao do homem branco?’

para serem respeitadas e também para exercer uma influência no ambiente em que realizam os atos lingüísticos. O poder da palavra é o poder de mobilizar a autoridade acumulada pelo falante e concentrá-la num ato lingüístico. Os casos mais evidentes em relação a tal afirmação são também os mais extremos: discurso político, sermão na igreja, aula, etc. (GNERRE, M. 1994, pp.5-6)

A consciência desse poder já fora sentida por Waiyaki, quando fizera juramento em relação à preservação da cultura de seu povo, junto ao seu pai. Ele também vivera o drama da morte de Muthoni, uma das filhas de Joshua, por ter decidido passar pelo processo de circuncisão como forma de manter laços com sua cultura de origem, desrespeitando seu pai que havia se convertido integralmente aos dogmas dos brancos, a ponto da proibição da circuncisão, depois de convencido pelo poder da linguagem dos brancos, assim

He had clothed himself with everything *white*. He renounced his past and cut himself away from those life-giving traditions of the tribe. And because he had nothing to rest upon, something rich and firm on which to stand and grow, he had to cling with his hands to whatever the missionaries taught him promised future. (THIONG 'O, 1965, p.141)¹⁰

Essa percepção mais abrangente e mais real dos fatos com suas influências e consequências sobre o comportamento humano é agravada ainda mais depois que Waiyaki apaixona-se por Nyambura, irmã de Muthoni, e é novamente desafiado por Kabonyi. Este descobrira sua paixão, e o acusa de ter traído seu juramento diante do povo de Kiama, por ter se envolvido com uma pessoa que havia supostamente se rendido à ideologia do colonizador, e pior ainda, e que não era circuncisada. Kinuthia, chefe da tribo e amigo de Waiyaki, avisa-o sobre a reunião de emergência que convocara para a solução do problema. Muitos foram chegando, espantados pela urgência da convocação e pela razão dada pelos mensageiros de Kinuthia. Depois de algum tempo, os membros começaram a se impacientar pela demora tanto da presença quanto da resposta que Waiyaki teria que realizar. Chegando ao local, sente-se extremamente pressionado, porém, não abrindo mão de seu amor por Nyambura, ele a toma pelos seus braços e deixa a assembléia perplexa. Uma mulher grita: **o juramento!** e seu grito é seguido por todos, não deixando Waiyaki nem mesmo tentar falar. A solução para esse impasse só acontece quando um dos mais velhos dos membros da tribo levanta-se e conclui que aquele caso deveria ficar nas mãos de Kiama. A platéia concorda e os dois saem rapidamente, aproveitando-se que a escuridão facilitaria a quebra de tensão do momento. Thiong 'o termina a narrativa, deixando ao leitor a tarefa do desfecho a partir do cenário que lhe é apresentado.

The land was now silent. The two ridges lay side by side, hidden in the darkness. And Honia river went on flowing between them, down through the valley of life, its beat rising above the dark stillness, reaching into the heart of the people of Makuyu and Kamenno. (THIONG 'O, 1965, p.152)¹¹

Se diante da tessitura de uma narrativa com pelo menos três facetas de interpretação possíveis, como a de *The River Between*, o leitor não teria a mesma grandeza na narrativa de *Heart of Darkness*, claramente centrada em um, porém, não único enfoque: a estória sob o ângulo do colonizador inglês. Assim é que do princípio

¹⁰ Ele havia se revestido de uma religião decorada e totalmente envolvida com tudo que estivesse ligado aos brancos. Renunciara seu passado e se desligado das tradições naturais da tribo. E porque ele não tinha onde se apoiar, alguma coisa abundante e firme na qual se apoiar e crescer, ele tinha que aderir à qualquer coisa que os missionários ensinassem a ele sobre um futuro promissor.

¹¹ A terra estava agora em silêncio. Os dois penhascos se colocavam lado a lado, escondidos na escuridão. E o rio *Honia*

ao fim da narrativa os olhares, as ações e reações dos personagens estão todos sob a narração de Marlow, um marinheiro e contador de histórias— principalmente suas experiências na África—, responsável em destacar as manifestações advindas do imperialismo inglês.

Desta forma, Conrad, ao fazer seus personagens viajarem no convés do navio *Nellie* com destino ao coração da África, *The Belgian Congo*, um dos postos avançados de exploração de marfim, usa essa viagem metaforicamente: é o percurso que Conrad quer que seu leitor faça, escutando as histórias de Marlow, contando os feitos e conquistas do projeto de colonização imperialista inglês para o desenvolvimento e progresso da região, com o objetivo de fazê-lo entender o desenrolar de todo o processo. Guardando pontos confluentes com *The River Between* no que tange a forma de dominação e exploração das riquezas de territórios conquistados, não levando em consideração os direitos, as crenças, valores, e tradições dos habitantes nativos, há, no entanto, momentos na narrativa que, segundo Said,

[...] ele teve o máximo [...] cuidado de conferir à narrativa de Marlow a provisoriedade que resulta de se encontrar no exato ponto de junção entre este e um outro mundo, não especificado, mas diferenciado.[...] Por nunca ter sido um inglês totalmente incorporado e aculturado, Conrad preservou uma distância irônica em todas as suas obras (1999, p.57)

e, devido a essa provisoriedade, Conrad deixa transparecer na fala de Marlow, aquele discurso que poderia representar a fala do dominado, a experiência do outro sob o domínio de uma ideologia imperialista ocidental. Essa maneira de manter a distância irônica, modifica a tessitura da narrativa conradiana, deixando lacunas que se abrem para interpretações alternativas da história contada. Uma dessas lacunas, entre outras passíveis de serem detectadas, trata-se do episódio quando Marlow está prestes a encontrar com Mr. Kurtz— o agente que lidava com o marfim naquela região—, e se depara com uma cena assustadora: cabeças de nativos fincadas em postes na fachada da entrada de um dos postos-residências, como símbolo daqueles que haviam se rebelado contra as ordens do Sr. Kurtz. A escrita e os recursos lingüísticos usados para descrever tal cenário são cuidadosamente selecionados, permitindo assim ao leitor ir além da narrativa da história, e tentar levá-lo a questionamentos mais substanciais e reais da maneira como essa colonização acontecia. A descrição de um ato tão aterrorizante suscita qualquer pessoa a questionar se o teor de rebeldia levaria uma pessoa a reagir com tal grau de crueldade, com uma autoridade sem limite e imoral, assim visto por Marlow:

Now I had suddenly a nearer view, and its first result was to make throw my head back as if before a blow. Then I went carefully from post to post with my glass, and I saw my mistake. These round knobs were not ornamental but symbolic: they were expressive and puzzling, striking and disturbing—food for thought and also for the vultures if there had been any looking down from the sky; but at all events for such ants as were industrious enough to ascend the pole. They would have been even more impressive, those heads on the stakes, if their faces had not been turned to the house. Only one, the first I had made out, was facing my way. I was not so shocked as you may think. [...] I had expected to see a knob of wood there you know. I returned deliberately to the first I had seen — and there it was, black, dried, sunken, with closed eyelids — a head that seemed to sleep at the top of that pole, and, with the shrunken dry lips showing a narrow white line of the teeth, was smiling, too, smiling continuously at some endless and jocose dream of that eternal slumber.(THIONG `O, 1965, pp.82-3)¹²

¹² De repente eu tive uma visão mais de perto, e minha primeira reação `a cena foi jogar minha cabeça para trás como se tivesse levado um soco. Aí eu fui cuidadosamente de poste a poste com minha lente, e percebi meu engano. Estas corcovas redondas não eram ornamentais , e sim, simbólicas; elas eram

Uma outra interpretação para a rebeldia dos nativos aqui descrita pode ser entendida como sendo a daquele grupo de nativos que, indignados com a situação de exploração em que sua terra se encontrava e com os maus tratos do Sr. Kurtz, decidem reagir e a enfrentar todos os desafios inerentes a uma situação onde a força de resistência se instaura. E é exatamente essa presença, que só se faz ouvir e ser pressentida na calada da noite, em plena escuridão da floresta. Daí em diante, Marlow e Kurtz estarão sempre em contato, mantendo uma conversa através de uma narrativa cheia de frases inacabadas e misteriosas quando o assunto era a forma de gerenciamento de Kurtz no negócio do marfim. Já o secretário-assistente de Kurtz não lhe poupava palavras e adjetivos:

‘He is a prodigy,’ he said at last. ‘He is an emissary of pity, and science, and progress, and devil knows what else. We want,’ he began to declaim suddenly, ‘for the guidance of the cause intrusted to us by Europe, so to speak, higher intelligence, wide sympathies, a singleness of purpose.’¹³

Claras estão as diferentes vozes que se fazem ouvidas na obra a fim de que os leitores possam ir tecendo não só os fatos históricos contidos, mas, e principalmente, os olhares e seus ângulos sobre a mesma temática.

Em uma tentativa de conclusão nessa comparação feita, diríamos que, embora Conrad pertença à uma civilização e sociedade supostamente mais avançada e rica em conhecimentos, gozando de uma posição privilegiada de alcance aos avanços atingidos pela humanidade nos mais diversos campos, não será dele que observaremos uma postura de aceitação da alteridade, do ex-cêntrico, do entendimento de múltiplos comportamentos perante uma dada situação. O horizonte mais amplo, mais real em relação à natureza humana estará a cargo de Thiong’ó que conseguiu ir além de uma proposta estética unilateral, dominante e ocidental.

expressivas e desafiadoras, arrebatadoras e desconcertantes — algo para se refletir e também para os urubus se eles tivessem enxergado lá do alto o que havia lá embaixo; mas, de qualquer maneira, até mesmo para as formigas seria muito trabalhoso subir até aos postes. Teriam sido muito mais impressionantes, aquelas cabeças nas estacas, se seus rostos não tivessem sido virados para a frente da casa. Somente uma, a primeira que eu tinha reconhecido, estava virada para minha direção. Não estava tão chocada como você poderia pensa.[....] Tinha a expectativa de ver uma corcova de madeira lá, entende. Voltei intencionalmente para a primeira que tinha visto — e lá estava ela, preta, seca, encovada, com suas pálpebras fechadas — uma cabeça que parecia dormir no topo do poste, e, com seus lábios secos e murchos mostrando uma linha estreita branca dos dentes, sorria, sem interrupções sorria como se fora um sonho jocoso e interminável de um eterno descanso.

¹³ “Ele é um prodígio,” ele finalmente falou. “Ele é um emissário da compaixão, da ciência, do progresso, e só Deus sabe o que mais. Queremos,” ele começou a declamar repentinamente, “pela direção da causa à nós incumbida pela Europa, como dizem, inteligência superior, grandes empatias, a singularidade da finalidade

ABSTRACT: (é aqui que devo colocá-lo)

Notas Explicativas

¹ O rio se chamava *Honia*, que significa cura, ou trazer-de-volta-à-vida. O *Honia* nunca secava: parecia possuir uma vontade muito forte de viver, desprezando as secas e mudanças de tempo. E fluía sempre na mesma maneira, nunca se apressando, nunca se hesitando. As pessoas viam isto e ficavam felizes. O *Honia* era a alma de Kamenó e Makuyu. Ele os unia. E os homens, o gado, as feras e árvores, eram todos unidos por essa corrente de vida. (T.A)

² O *Nellie*, uma embarcação tipo cruzeiro, inclinou-se para sua âncora sem agitar as velas, e estava à espera. O dilúvio já havia cessado, o vento estava quase normal, e estando preparado para decer o rio, a única coisa para fazer era vir e esperar pela virada da maré. O Diretor das Companhias de Comércio de Marfim era nosso capitão e nosso anfitrião. Nós quatro lhe observávamos pelas costas, enquanto ele permanecia na proa do navio, olhando em direção ao mar. Pelo rio afora não havia nada mais que aparentasse tão marítimo. Ele se parecia com um piloto, que para um marinheiro é a confiança personificada.

³ Muito breve, ele foi ouvido em outras regiões; em Nyeri, Kimbu, Muranga; na verdade em todo o país Gikuyu. E ainda ele bradava sua mensagem e falava em bom e alto som: “Haverá a chegada de um povo com roupas de borboletas” Eles eram os brancos.

BIBLIOGRAFIA

APPADURAI, Arjun. Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy. In: *The Cultural Studies Reader*. London and New York: Routledge. 1999. p. 220-30.

---. Global Ethnoscapes: Notes and Queries for a Transnational Anthropology. *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis: Ed. da Universidade de Minnesota. 1996. p. 48-65.

BERND, Zilá, MIGOZZI, Jacques, *Fronteiras do literário: literatura oral e popular Brasil/França*. Porto Alegre: Ed. UFRS, 1995.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

---- Homi. Disseminação : O tempo , a narrativa e as margens da Nação Moderna. In: *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Reis, Gláucia R. Goçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 198 – 238.

CONRAD, Joseph. *Heart of Darkness*. New York, Penguin Press, 1999.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós modernidade*. Trad. Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 7ª ed. Rio de Janeiro, 2003.

GNERRE, Maurizio. Linguagem, Poder e Discriminação. In: *Linguagem, Escrita e Poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.pp.

GLISSANT, Édouard, *Introdução a uma poética da diversidade*, Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

THIONG ' O. Ngûgî wa . *The River Between*, 1965.

Resumo:

A escolha das narrativas Heart of Darkness, de Joseph Conrad, e The River between, de Ngũgĩ wa Thiong'o visa levantar questões e percursos no processo de formação de identidade dos escritores que não só influenciam, mas também deixam marcas em suas escritas. Fatores políticos, sociais, religiosos e econômicos são pistas em suas narrativas para que possamos rastrear os caminhos tomados pelos autores para registrar os impactos sofridos, tanto pelos colonizados quanto pelos colonizadores. O trabalho parte da leitura de teorias pós-modernas, principalmente o texto de Stuart Hall (2004), juntamente com leituras do pós-colonialismo, a fim de mostrar as diferenças e influências desses contatos e suas conseqüências.

Palavras-chave: identidade, culturas, imperialismo, tradição, hibridismo

Resumo:

A escolha das narrativas Heart of Darkness, de Joseph Conrad, e The River between, de Ngũgĩ wa Thiong'o visa levantar questões e percursos no processo de formação de identidade dos escritores que não só influenciam, mas também deixam marcas em suas escritas. Fatores políticos, sociais, religiosos e econômicos são pistas em suas narrativas para que possamos rastrear os caminhos tomados pelos autores para registrar os impactos sofridos, tanto pelos colonizados quanto pelos colonizadores. O trabalho parte da leitura de teorias pós-modernas, principalmente o texto de Stuart Hall (2004), juntamente com leituras do pós-colonialismo, a fim de mostrar as diferenças e influências desses contatos e suas conseqüências.

Palavras-chave: identidade, culturas, imperialismo, tradição, hibridismo